

Uma filosofia para os romanos: Cícero e a Nova Academia

A philosophy for the Romans: Cicero and the New Academy

Claudia Beltrão*

Resumo: Nas últimas décadas, houve uma notável reavaliação de Cícero como um pensador significativo e um dos mais desafiadores, dada a variedade e a extensão dos seus escritos em diferentes gêneros literários e seu engajamento criativo com a filosofia helenística. A obra de Cícero fornece pistas essenciais para a compreensão da vida intelectual do Mediterrâneo e da Roma tardo-republicana, a circulação dos conhecimentos, sua produção e disseminação. Este artigo explorará alguns elementos da vida intelectual do período e do projeto filosófico ciceroniano com base em passagens de discursos forenses e diálogos filosóficos de Cícero.

Abstract: In the last decades, Cicero has been reassessed as a significant and complex thinker due to the diversity and breadth of his writings across various literary genres, as well as his creative engagement with Hellenistic philosophy. Cicero's work offers substantial insights into the intellectual life of the Mediterranean and late Republican Rome, as well as the production and circulation of knowledge during that time. This article will explore aspects of his intellectual landscape and how Cicero's philosophical project is reflected in some of his forensic speeches and philosophical dialogues.

Palavras-chave:
filosofia romana;
Nova Academia;
Pro Murena;
In Pisonem;
De finibus.

Keywords:
roman philosophy;
New Academy;
Pro Murena;
In Pisonem;
De finibus.

Recebido em: 10/02/2025
Aprovado em: 03/04/2025

* Professora titular de História Antiga da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

Desse modo, parece-me que você ensinou o latim à filosofia, dando-lhe, de certo modo, a cidadania, pois até então ela parecia ser uma estrangeira em Roma e não participava das nossas conversas (Cícero, *De finibus*, 3, 40).¹

Numa tarde de 52 AEC,² em Túsculo, Cícero visita a biblioteca do jovem Lúculo a fim de emprestar dele alguns livros. Ao chegar, encontra Catão rodeado de livros de pensadores estoicos, em plena leitura, e comenta:

[H]avia nele tal paixão pela leitura, como você sabe,³ que não se podia saciar; ele desprezava as vãs repreensões do vulgo e realmente lia na própria Cúria quando o senado se reunia, sem economizar esforços pela República. Lia ainda mais nos momentos de ócio, quase parecendo devorar a maior quantidade possível de livros, se pudermos usar este termo para falar sobre uma ocupação tão elevada (Cic., *Fin.*, 3, 7).⁴

Metáforas gastronômicas para a leitura já eram comuns na Antiguidade, como “devorar um livro”, “digerir uma ideia”, e outras que associam a função de ler a funções corporais essenciais.⁵ E a conversação do Livro 3 do *De finibus*, de 45, entre o “faminto por livros”, Catão, e o também bibliófilo, Cícero, tem início de modo significativo para o tema deste artigo:

Nosso encontro foi uma surpresa mútua, e ele se levantou imediatamente. Então, dissemos as primeiras coisas que se costuma dizer em tais situações: ‘O que lhe traz aqui?’, ele perguntou, ‘Suponho que você esteja em sua *villa*. Se eu soubesse que estava aqui, teria lhe visitado’. E eu lhe disse: ‘Ontem os jogos começaram, e eu deixei a cidade e cheguei à tarde. O motivo de eu vir aqui foi emprestar alguns livros. Nossa Lúculo devia tomar ciência dessa grande coleção, e espero que ele se divirta mais com esses livros do que com qualquer outro ornamento da *villa*. Estou muito preocupado, mesmo sabendo que este é um encargo seu, que ele receba uma educação que lhe faça digno de seu pai, de Cepião⁶ e de você mesmo, que são parentes próximos. Tenho boas razões para minha preocupação, e sou movido pela memória do seu tio – e você sabe o quanto estimei a Cepião que, em minha opinião, estaria entre os nossos principais se estivesse vivo. Lúcio Lúculo vive diante dos meus olhos, um homem de grande distinção em todas as virtudes, ligado a mim pela amizade, pela opinião e atitude’ (Cic., *Fin.*, 3, 8).⁷

¹ *itaque mihi videri Latine docere philosophiam et ei quasi civitatem dare, quae quidem adhuc peregrinari Romae videbatur nec offerre sesi nostris sermonibus* (Cic., *Fin.*, 3, 40).

² Todas as datas são antes da era comum.

³ No prefácio, Cícero se remete a Bruto, o destinatário do diálogo.

⁴ *erat enim, ut scis, in eo aviditas legendi, nec satiari poterat, quippe qui ne reprehensionem quidem vulgi inanem reformidans in ipsa curia soleret legere saepe, dum senatus cogeretur, nihil operae rei publicae detrahens. quo magis tum in summo otio maximaque copia quasi helluari libris, si hoc verbo in tam clara re utendum est, videbatur* (Cic., *Fin.*, 3, 7). As traduções do *De finibus* têm como base as edições de Annas e Woolf (2004), e Bassetto (2018).

⁵ Uma das metáforas gastronômicas mais drásticas da literatura antiga surge em Ezequiel 2.9-10, quando a “imagem de fogo” de sua visão lhe ordena que abra a boca e “coma” o que o manuscrito que desenrola revelará.

⁶ *Caepio* é uma figura de difícil identificação, assim como há divergências nos manuscritos. Alguns editores e tradutores preferem dizer “avô”, como Bassetto (2018, p. 225), enquanto outros o definem como “tio” do jovem Lúculo – e, segundo Annas e Woolf (2004, p. 67), Cepião ter sido avô de Lúculo não é factível. É possível que se trate de Q. Servilio Cépio, cunhado e tio do jovem Lúculo e de Bruto, o destinatário do *De finibus*, que morreu ainda jovem, como propõem Annas e Woolf, o que faz mais sentido para a compreensão da passagem.

⁷ *quod cum accidisset ut alter alterum necopinato videremus, surrexit statim. deinde prima illa, quae in congressu solemus:*

É possível que os primeiros leitores de Cícero conhecessem muito bem essas personagens e as circunstâncias de suas mortes. Sabiam que Catão, cunhado da mãe do jovem Lúculo, filho de L. Licínio Lúculo (cos. 74),⁸ era seu tutor, e que Cícero tinha algum tipo de responsabilidade sobre ele; sabiam também que Catão se suicidara após a derrota em Tapsos, poucos meses antes da publicação do *De finibus*, não compactuando com o perdão de César. Esses dados certamente são relevantes para uma boa compreensão do contexto político e social do diálogo. Este artigo, contudo, se interessa pelo contexto intelectual de Cícero e de sua geração.

O amplo uso da escrita e o apreço pela leitura e pelo conhecimento dessa destacada geração de romanos produziu textos que nos abrem uma via de acesso, sempre historicamente contingente, à vida intelectual de Cícero e de seus contemporâneos. Nas passagens, Cícero fala em uma rica biblioteca, menciona a educação literária, livros como ornamentos de uma *villa*, leitores ativos e, especialmente, em tornar uma estrangeira grega que aprendeu o latim, a filosofia, uma presença familiar em Roma, dando-lhe a cidadania. A partir desses trechos do *De finibus*, este artigo lidará com alguns aspectos desse grande movimento intelectual detectado na República tardia, no qual Cícero se dedicou às atividades intelectuais e à escrita, e defendeu um lugar de destaque para a filosofia na vida de seus pares e das novas gerações de romanos.

Um interesse renovado pelo pensamento de Cícero

Há pelo menos quarenta anos, assiste-se a uma retomada do interesse pelo pensamento romano sob novas bases, superando a visão negativa que prevaleceu no século XIX e boa parte do século XX. Essa visão é derivada do desapreço pela produção intelectual romana expresso por nomes como Hermann Usener, Theodor Mommsen, Hermann Diels e Hans von Arnim,⁹ excelentes estudiosos da história e do pensamento antigos, que escreveram sob o clima intelectual do idealismo e romantismo do século

Quid tu, inquit, huc? a villa enim, credo, et: Si ibi te esse scissem, ad te ipse venissem. Heri, inquam, ludis commissis ex urbe proiectus veni ad vesperum. causa autem fuit huc veniendi ut quosdam hinc libros promerem. et quidem, Cato, hanc totam copiam iam Lucullo nostro notam esse oportebit; nam his libris eum malo quam reliquo ornatu villae delectari. est enim mihi magnae curae—quamquam hoc quidem proprium tuum munus est—, ut ita erudiatur, ut et patri et Caepioni nostro et tibi tam propinquo respondeat. labore autem non sine causa; nam et avi eius memoria moveor—nec enim ignoras, quanti fecerim Caepionem, qui, ut opinio mea fert, in principibus iam esset, si viveret—, et Lucullus mihi versatur ante oculos, vir cum virtutibus omnibus excellens, tum mecum et amicitia et omni voluntate sententiaque coniunctus (Cic., Fin., 3, 8).

⁸ Os leitores de Cícero também sabiam que Lúculo foi o interlocutor de Cícero na primeira versão dos *Academica*, o *Lucullus*, publicado poucos meses antes do *De finibus*, que defende o pensamento de Antíoco de Ascalão contra o neoacadêmico Cícero.

⁹ Diels (1879), Mommsen (1886), Usener (1887) e Von Arnim (1903-1924). Esses livros receberam diversas edições e reedições desde então, e suas primeiras edições estão disponíveis no repositório Internet Archive (<https://archive.org/>).

XIX, no qual a Antiguidade romana seria o “último capítulo” da Antiguidade, ou seja, um momento negligenciável do estabelecimento do “absoluto”, a recordar um termo hegeliano, por sua incapacidade de perceber a “essência da filosofia”. O trabalho dos estudiosos supracitados é grandioso e, de fato, somos tributários dos seus esforços monumentais de pesquisa, mas não temos que acatar tais preconceitos que geraram toda uma helenofilia “clássica” que se estendeu até o século XX. Todo o pensamento romano passou a ser visto como derivativo, de qualidade inferior, glosa ou, mesmo, cópia.

Entre a morte de Aristóteles e Cícero, à exceção de poucos textos de Epicuro, não chegaram textos filosóficos até nós. No século XIX, como fez Von Arnim em seus *Stoicorum vetera fragmenta*, publicados em quatro volumes, entre 1903 e 1924, pinçavam-se referências, especialmente de textos de Cícero e de outros (poucos) autores de língua grega ou latina, e montavam-se “quebra-cabeças” do pensamento helenístico – e esses “quebra-cabeças” são fundamentais até hoje.

Em linhas gerais, ao mesmo tempo em que eram desvalorizadas, as obras de Cícero, de Lucrécio e outros escritores se tornaram doxografias a serem minadas por seus detratores em busca das “originais” doutrinas do platonismo, peripatetismo, epicurismo, estoicismo, etc., dada a perda da maior parte do material grego. É certo que, sem Cícero, o que saberíamos sobre a ciência e filosofia helenística seria muito, muito pouco, e pode-se continuar usando a obra de Cícero para buscar menções a outros autores; mas pode-se também fazer coisas diferentes com ela. Cícero foi uma das principais “fontes” desses estudiosos, que o viam negativamente e o consideravam estúpido ou inepto em filosofia, o que hoje parece um *contrassenso*. Ao aplicar essa noção oitocentista de “originalidade”, poucos filósofos seriam realmente filósofos na tradição ocidental.¹⁰ Em suma, usava-se a obra de Cícero para “reconstruir” a filosofia grega, e Cícero era considerado “fraco”.

Atualmente, a obra de Cícero é vista não apenas como fonte para estudar outros pensadores, mas como objeto de estudo por direito próprio.¹¹ O contexto dessa reviravolta foi a crescente revalorização do pensamento helenístico, que teve como efeito uma nova apreciação dos escritores romanos. Cícero e seus pares literários, então, voltaram a ser lidos como autores de obras filosóficas e científicas, apesar de os romanos, muitas vezes,

¹⁰ Ao longo do tempo, o filósofo ora foi identificado com o teórico, ora com o cientista, com o lógico ou com o moralista e, de fato, autores que em determinado momento estavam inseridos no cânone dos filósofos eram dele excluídos em outro.

¹¹ A “virada” para a percepção da relevância do pensamento helenístico e romano, e especialmente de Cícero, foi lenta e gradual nos últimos quarenta anos, com grandes nomes como Anthony Long e David Sedley (1987), que publicaram a obra *The Hellenistic Philosophers*, Miriam Griffin, Jonathan Barnes e os estudiosos reunidos nas coletâneas intituladas *Philosophia togata*, publicadas entre 1989 e 1997, Carlo Lévy (1992), com a obra *Cicero academicus*, Jonathan Powell e os autores da coletânea *Cicero, the Philosopher*, publicada em 1995, e outros grandes iniciadores ou consolidadores dessa “virada” não citados aqui para garantir a concisão deste artigo.

ainda serem definidos pejorativamente como tendo mentes “práticas”, construtoras de aquedutos, estradas e impérios, mas incapazes de sutilezas teóricas. Outro preconceito, mais sutil e ainda muito vivo, é a crença de que, para os romanos, a filosofia não era exatamente uma atividade intelectual, mas um “estilo de vida”, e não estavam muito interessados em sistemas intelectuais.¹² Contudo, a filosofia como um “modo de viver bem” era uma das preocupações do pensamento helenístico, em geral, assim como na Atenas “clássica” a filosofia era simultaneamente um objeto de estudo, um gênero literário e um modo de vida. Desse modo, esses preconceitos não mais se sustentam.¹³

Alguns estudiosos tomam a obra de Cícero como uma “enciclopédia” da filosofia helenística, o que não é infundado. O próprio comentário de Cícero (Cic., *De divinatione*, 2, 1-4) sobre sua obra no prólogo do *De divinatione* sustenta essa posição, começando com um convite à filosofia no *Hortensius* e a defesa da Nova Academia nos *Academica*, passando aos fundamentos da ética no *De finibus* e à “medicina filosófica” para os males da alma nas *Tusculanae*, chegando ao estudo da física, da cosmologia e da teologia em *De natura deorum*, *De divinatione* e no *De fato*, acrescentando-se o que pode-se chamar “filosofia política” com o *De re publica*, e as regras do discurso em *De oratore*, *Brutus* e o *Orator*. Esta é uma seleção feita pelo próprio Cícero, um tipo de “currículo de estudos” em uma ordem não cronológica, e pode parecer surpreendente que alguns diálogos muito famosos, como o *De legibus*, não sejam citados. Muitos e excelentes estudos já foram realizados tentando dar conta dessa seleção e ordem, mas, decididamente, essa sequência sugere as três divisões tradicionais do pensamento helenístico: a *lógica*, a *física* e a *ética*.¹⁴

Cícero não escreveu tratados ou compêndios exaustivos, mas, especialmente, diálogos filosóficos, com cenários e personagens complexos, e cartas,¹⁵ visando a leitores e correspondentes que tinham, no mínimo, uma noção prévia das ideias e debates

¹² Essa interpretação de uma filosofia romana restrita a um “estilo de vida” é altamente controversa e seus adeptos são, de um modo ou de outro, herdeiros de Michel Foucault e de Pierre Hadot, respectivamente em *História da sexualidade* e *Filosofia como modo de vida*, obras muito bem-sucedidas em cursos da área de Humanidades no Brasil.

¹³ Obviamente, não é possível dar conta deste tema em um texto com escopo limitado. Sobre as inovações intelectuais e científicas da época de Cícero e dos dois primeiros séculos imperiais, ressaltando as figuras intelectuais e o “modo romano” de pensar o mundo e as coisas, ver Lehoux (2012) e o estudo seminal de Moatti (1997). Ver também os artigos reunidos em König e Woolf (2017) sobre o saber e a ciência na Antiguidade romana, com ênfase na autoridade dos escritores. Mais recentemente, Volk (2021) é um precioso estudo sobre a atividade intelectual e literária em Roma nos anos 50 e 40.

¹⁴ Uma interessante leitura deste “catálogo” feito por Cícero é Schofield (2013), que dá sentido ao porquê e quando Cícero escreveu o que escreveu, além de fornecer uma ideia de como ele concebia a própria filosofia.

¹⁵ Ver Aubert-Baillot (2021), que analisa o pensamento de Cícero por meio de um rigoroso estudo linguístico e filosófico do vocabulário de sua correspondência, sem negligenciar as questões metodológicas envolvidas na transmissão textual e nas diferenças entre as edições das cartas. Sobre as cartas, ver também Hall (2009), Baraz (2012), McConnell (2014) e Gilbert (2015).

filosóficos do seu tempo. Nessas obras, é nítida também sua preocupação com questões de vocabulário, não somente de tradução de palavras do grego para o latim, mas traduções de conceitos de um contexto cultural para outro. A proficiência de Cícero na língua e no pensamento grego era notável. Sua educação foi marcada por sua familiaridade com filósofos, gramáticos e oradores gregos.¹⁶ Esta maestria no uso do grego se reflete, por exemplo, nas ponderações e explicações que apresenta sobre suas traduções de noções e conceitos gregos, fazendo de Cícero um dos primeiros teóricos da tradução, cujas escolhas são contextualizadas e baseadas em seu contexto social, seu uso de modelos literários e nas regras dos gêneros literários de seu tempo.

Uma boa indicação do que Cícero pensava estar fazendo pode ser vista no prefácio do Livro 2 do *De finibus*, quando pergunta aos hipotéticos críticos de uma filosofia em latim: “Como assim? Se não exercemos a tarefa do tradutor, mas preservamos o que foi dito por aqueles que aprovamos e unimos a eles nosso julgamento e nossa ordem de composição?” (*Fin.*, 2, 15). Aliás, a própria proficiência linguística, filosófica e literária de Cícero contribuiu para que ele fosse visto, no século XIX, como um mero “tradutor” do pensamento grego – e isso ocorreu também com Lucrécio em relação ao epicurismo, mas esta visão também não se sustenta.

Cícero é, então, novamente considerado um autor fundamental para o estudo do pensamento filosófico. Através de sua obra monumental – a mais extensa e variada que chegou até nós via tradição manuscrita –, ele tornou a filosofia em latim familiar aos romanos, numa época em que ela era um gênero literário grego a ser feito em grego. Contudo, entre a φιλοσοφία e a *philosophia*, ocorreu um grande processo de “tradução cultural”, no qual havia que se decidir o que era *philosophia* para os romanos. O que havia de ser feito para que a filosofia deixasse de ser algo exclusivamente grego?¹⁷

É certo que os contatos e diálogos dos romanos com a cultura grega são anteriores à geração de Cícero. Quase todos os estudos sobre a filosofia em Roma começam com um evento em 155, quando Atenas, após saquear a cidade ática de Oropos e ser multada por Roma, enviou uma embaixada à *urbs*, composta por representantes de escolas filosóficas, possivelmente para pedir o perdão ou a diminuição da multa. Os embaixadores foram Carnéades, Critolaus e Diógenes da Babilônia, respectivamente, escolarcas da Academia, do Liceu e da Stoa. Esses filósofos, além de suas atividades oficiais, palestraram sobre diversos temas durante sua estadia em Roma, e é famoso o embaraço causado pelo

¹⁶ Já não se sustenta a noção de que o bilinguismo romano foi o efeito de uma “helenização” de Roma. Um estudo seminal sobre o tema é Adams (2003).

¹⁷ Ver, especialmente, Henderson (2006) sobre o processo de “tradução cultural” e criação da *philosophia* em Cícero. Ver também Haddad (2022), especificamente no que tange à recepção de Filo de Larissa e Antíoco de Ascalão por Cícero.

neoacadêmico Carnéades, discursando pró e contra a ideia de justiça. Costuma-se ligar essa embaixada a um início – mais propriamente, ao incremento – do interesse dos romanos pela filosofia. Se havia contatos anteriores com a filosofia grega, no século I esse movimento cultural se intensificou. Bibliotecas inteiras chegavam a Roma como butim de guerra, como a própria biblioteca de Lúculo na *villa* de Túsculo, onde Cícero encontra Catão rodeado de livros, ou por meio da compra de milhares de *volumina* por nobres romanos, e Roma se tornava um polo de atração para intelectuais de língua grega. Especialmente após as campanhas de Lúculo – pai do nosso jovem Lúculo –, o regime tirânico do epicurista ateniense Aristion e o saque de Sulla a Atenas, em 88, no contexto da guerra contra Mitrídates, muitos intelectuais de língua grega deixaram Atenas e passaram a residir em Roma ou a orbitar nobres romanos, como os acadêmicos Filo de Larissa e Antíoco de Ascalão, ambos mestres de Cícero, o orador Apolônio Molon e o polímata estoico Posidônio, com quem Cícero tinha laços de amizade. Já o gramático Tirânia, que organizou uma das bibliotecas de Cícero, o poeta Parteno e Alexandre, o polímata, chegaram a Roma como escravos.¹⁸ O patronato romano, no centro do poder no Mediterrâneo, não era algo que os filósofos ignorassem.

Assim, a centralidade de Atenas como o centro filosófico do Mediterrâneo foi minada. Outras cidades se destacavam, como Alexandria e Rodes, e as escolas paulatinamente perderam seus laços estreitos com a cidade ática, realocando-se em diferentes cidades e mantendo estreitos contatos com a elite romana. A geração de Cícero conheceu um mundo filosoficamente descentrado, e isso gerou mudanças na própria atividade filosófica. Uma das mudanças mais significativas foi a crescente relevância do texto escrito, ou seja, o comentário textual se tornou uma das principais formas da atividade filosófica – o que perdura até os nossos dias. Outra mudança substancial foi a ampliação dos diálogos e debates entre as diferentes escolas e doutrinas, muitas vezes derivados de polêmicas literárias. Por exemplo, os estoicos cada vez mais se envolviam com temas platônicos; Enédésimo, que fez reviver o ceticismo pirrônico, encontrou em Heráclito um grande apoio ao pirronismo, e o acadêmico Antíoco, disputando com seu antigo mestre, Filo de Larissa, adotou muitos elementos aristotélicos e, até certo ponto, estoicos em seu platonismo.¹⁹ Desse modo, diferentes doutrinas, referências culturais e livros estavam à

¹⁸ Esses dados são conhecidos principalmente por meio das obras ciceronianas. Sobre intelectuais gregos em Roma, neste período, ver Hutchinson (2013) e Hatzimichali (2013, p. 1-7). Sobre as bibliotecas, há, por exemplo, uma referência de Cícero (*Epistulae ad Atticum*, 4, 10) à biblioteca de Sulla e à biblioteca de Lúculo, em Túsculo, conforme observado neste artigo. Ver também Houston (2014, p. 121-125), que demonstra que a maior parte dos papiros da *Vila dos Papiros*, em Herculano, são datados entre o fim do século II até meados do século I.

¹⁹ Esses diálogos – e o consequente avanço e crescente complexidade do conhecimento filosófico – foram (e, muitas vezes, ainda são) definidos como sincretismo ou ecletismo. Este tema escapa aos objetivos deste artigo, mas são, ambos, termos altamente discutíveis e geralmente disfarçam crenças em doutrinas “puras” e “originais”. Ver, por

disposição, e as ideias eram tão diversas como as pessoas que chegavam a Roma, assim como jovens romanos da elite viajavam para estudar em grandes centros culturais da época, como Rodes e Alexandria. À época de Cícero, Roma se tornara um dos principais centros intelectuais do Mediterrâneo.

A formação do próprio Cícero permite um vislumbre desse grande movimento intelectual. Em Atenas, Cícero, Ático e outros amigos passaram pelo menos seis meses estudando com Antíoco de Ascalão e com o epicurista Fedro.²⁰ Em Roma, Cícero estudou filosofia e retórica com Filo de Larissa e os romanos Élio Stilus e Ácio – que foi aluno de Hermágoras. Cícero estudou também com outros filósofos, oradores e intelectuais em Atenas e Rodes, como Apolônio Molon, o estoico Posidônio e o filósofo peripatético Crátipo, que também ensinou filosofia para seu filho, o jovem Marco Cícero.²¹ Explicitamente, Cícero era um neoacadêmico, seu irmão Quinto era peripatético, Catão era estoico, enquanto Varrão e Bruto seguiam a Academia na linha de Antíoco. Por sua vez, Ático era epicurista, assim como Cássio (notório, junto com Bruto, pelo assassinato de César) e L. Calpúrnio Pisão, sogro de César que tinha como hóspede o famoso filósofo epicurista Filodemo, discípulo de Zenão de Sidon. O peripatético Staseas de Nápoles viveu na *villa* tusculana de M. Púpio Pisão, assim como o estoico Diódoto viveu em Roma como filósofo residente de Cícero por quase trinta anos.²² O epicurista Fedro ensinou em Roma, quando foi hóspede de Cícero, e outro epicurista famoso, Siro, mestre de Horácio e Virgílio, ensinava na Baía de Nápoles. Essa concentração geográfica deu origem ao chamado “epicurismo campaniano”. Note-se que a primeira doutrina filosófica grega a ser expressa em latim foi o epicurismo – notadamente, a física epicurista –, e conhecemos os nomes de Caio Amafínio, Caio Rabírio e Cátio Insuber que, ao que parece, foram bem-sucedidos em termos de público antes que Lucrécio escrevesse o *De rerum natura*. O epicurismo parece ter sido a corrente filosófica mais popular em Roma à época de Cícero, César e Varrão.²³

exemplo, Dillon (1988) e, especialmente Maso (2022, p. 88-115).

²⁰ Sobre Antíoco, ver Cícero (*Brutus*, 315; *Fin.*, 5, 1; *De natura deorum*, 1, 6). Sobre Fedro, ver Cícero (*Fin.*, 1, 16; *Fin.*, 5, 2; *Nat. D.*, 1, 93). Sobre Filo de Larissa há diversas menções; ver, por exemplo, Cícero (*Brut.*, 306). Filo sucedeu Clitônaco de Cartago como escolarca da Academia em Atenas, e Antíoco foi seu mais famoso pupilo, mas não há evidências seguras de que Antíoco acompanhou Filo a Roma. Cícero, Varrão, Bruto e Ático, os mais famosos estudantes de Antíoco, ouviram suas lições em Atenas e no *Ptolomaicum*, em Alexandria. Em 87, Antíoco já morava em Alexandria, e acompanhou Lúculo em suas campanhas: ver Cícero (*Lucullus*, 4-7).

²¹ Ver Cícero (*De officiis*, 1, 1-2). Plutarco (*Caesar*, 24) afirma que Cícero convenceu César a dar a cidadania romana a Crátipo. Sobre a sólida educação epicurista de Cícero, ver Maso (2015, p. 33-46) e Woolf (2015).

²² Sobre Diódoto, ver, e.g., Cícero (Cic., *Brut.*, 309). Sobre Filodemo, cf. (*Philodemus, Anth. Pal.*, 144). Sobre Staseas, ver Cícero (Cic., *De or.*, 1, 104; *Fin.*, 5, 8).

²³ Nem Lucrécio, nem Cícero foram os primeiros a escrever filosofia em latim. Ver, e.g., Zetzel (2016), Beltrão (2020a) e Sant’Angelo (2024).

Essa foi, portanto, uma época de grande entusiasmo pela filosofia, assim como um momento de controvérsias muito produtivas, conduzidas não por meio de debates orais em escolas filosóficas, como no período “clássico”, mas, especialmente, em disputas literárias, como as polêmicas entre os acadêmicos Filo de Larissa e Antíoco de Ascalão sobre graves questões relacionadas às percepções humanas – e, também, sobre quem era o melhor leitor de Platão.²⁴ Contudo, e a despeito dessa intensa mobilidade intelectual e do apreço romano à filosofia, Cícero aponta alguma tensão entre a vida intelectual e o comportamento moral adequado a um nobre romano, se não em suas obras teóricas, em seus discursos forenses.²⁵ Retomemos a frase do *De finibus* que serviu como epígrafe a este artigo: “Desse modo, parece-me que você ensinou o latim à filosofia, dando-lhe, de certo modo, a cidadania, pois até então ela parecia ser uma estrangeira em Roma e não participava das nossas conversas” (*Fin.*, 3, 40). Pode-se perguntar, portanto, que filosofia merecia a cidadania romana para Cícero.

Qual filosofia para os romanos?

Já foi estudado como Cícero usava o termo *philosophia* e seus derivados e, quando ele queria apresentar a filosofia como algo estranho ou peculiar, utilizava termos derivados do grego, enquanto termos romanos apresentavam a filosofia como algo apropriado aos nobres romanos.²⁶

No *Pro Murena*, de 63, o primeiro discurso em que explicitamente cita a filosofia e a educação filosófica, ele não emprega o termo *philosophia*.²⁷ Catão, seu louvável interlocutor no *De finibus*, foi então seu adversário como principal acusador de Murena, a quem Cícero defendia. No discurso, Cícero ataca Catão como um estoico rígido e quase desumano, mas não descreve suas atividades intelectuais como *philosophia*, preferindo *sapientia* e *doctrina*. Cita muitos filósofos gregos em defesa de Murena, sem enfatizar sua origem e idioma e, mais ainda, sem designá-los filósofos. Certamente, a audiência sabia que eram gregos – a começar por seus nomes –, mas Cícero não faz qualquer menção a

²⁴ Sobre a controvérsia entre Filo e Antíoco, a principal fonte são os *Academici libri*, especialmente, *Luc.* 19, 30-32. Sobre Antíoco, ver Tarrant (1985, p. 84-118), Karamanolis (2006, p. 44-84), e os estudos reunidos em Sedley (2012). Sobre Filo, ver, especialmente, Brittain (2001). Ver também Haddad (2022), no que tange a Cícero.

²⁵ Sobre o projeto filosófico de Cícero, ver Bishop (2019) e Baraz (2012). Ver Gildenhard (2007), que estuda o modo como Cícero lidou com as ambivalências romanas em relação à filosofia grega. Ver também Krostenko (2001, p. 168-176), que observa como Cícero refuta acusações de filelenismo. Ver também Plutarco (*Cicero*, 5, 2) e Dion Cássio (46, 18, 1-2).

²⁶ Ver Hine (2016, p. 11-19), sobre os usos do substantivo *philosophus* e suas nuances nos diálogos filosóficos de Cícero.

²⁷ No *Pro Archia*, de 62, discurso em que defende o lugar da cultura grega em Roma, Cícero notadamente usa os termos latinos *studia* e *doctrina*, evita palavras derivadas do grego e argumenta que são benéficos para os romanos.

esse detalhe. Do mesmo modo, Cícero afirma que o fato de Catão acusar injustamente Murena não é culpa sua, mas do estoicismo, uma doutrina até certo ponto adequada aos *mores* romanos, mas demasiado extremista. Por exemplo, Catão recusou o pedido de revisão das taxas contratuais dos publicanos não por sua culpa, mas porque o estoicismo ensina que a *gratia* é um erro a ser evitado pelo sábio, e a própria acusação de Murena ocorreu porque a *pietas* não faz parte dessa doutrina que, se prega a virtude, não ensina como agir de modo coerente.

Cícero argumenta que os estoicos ensinam o amor à virtude, o que é ótimo, mas não sabem como agir virtuosamente em sociedade. Quando levado ao extremo, o estoicismo é prejudicial não só para Catão, mas para os romanos em geral,²⁸ e uma das passagens mais significativas é a seguinte:

Meus mestres – pois devo admitir, Catão, que, quando jovem, eu também desconfiei da minha inteligência e busquei o apoio de uma *doctrina* –, meus mestres foram as doutrinas de Platão e Aristóteles, homens moderados e equilibrados que diziam que a graça pode influenciar o sábio; que um homem bom é misericordioso; que há diferentes níveis de delitos e diferentes punições; que deve haver um lugar para o perdão em um homem constante. Que o sábio muitas vezes “supõe” algo de que ele não tem certeza, às vezes se zanga, cede a súplicas e apaziguamentos, às vezes muda o que disse se for preciso e, às vezes, muda de ideia; todas as virtudes devem ser moderadas pelo meio-termo (Cic., *Pro Murena*, 63).²⁹

Cícero contrasta sua formação baseada em Platão e Aristóteles com a educação de Catão na escola de Zenão e, se defende a filosofia como uma disciplina integrada à sua vida, também a apresenta como potencialmente perigosa, dependendo de como os conhecimentos são postos em prática. É relevante que “moderar” significa impor um *modus* (= medida), e o rigor estoico não era adequado à urbanidade e à moderação que deviam reger as relações entre os romanos. De todo modo, o estoicismo era mais aceitável que outras doutrinas, notadamente o epicurismo. No *De natura deorum*, Cícero deixa claro que vê o estoicismo como mais adequado aos romanos do que o epicurismo, assim como no *De finibus* e em praticamente em toda a sua obra. É a Academia e o Liceu que merecem destaque na formação do nobre romano.³⁰ Ainda assim, no prefácio do

²⁸ Dois excelentes estudos sobre o modo como Cícero apresenta o estoicismo levado ao extremo como uma doutrina perniciosa para os romanos são Van der Wald (2007) e Craig (1986).

²⁹ *Nostri autem illi – fatebor enim, Cato, me quoque in adulescentia diffisum ingenio meo quaesisse adiumenta doctrinae – nostri, inquam, illi a Platone et Aristotele, moderati homines et temperati, aiunt apud sapientem valere aliquando gratiam; viri boni esse misereri; distincta genera esse delictorum et disparis poenas; esse apud hominem constantem ignoscendi locum; ipsum sapientem saepe aliquid opinari quod nesciat, irasci non numquam, exorari eundem et placari, quod dixerit interdum, si ita rectius sit, mutare, de sententia decidere aliquando; omnis virtutes mediocritate quadam esse moderatas* (Cic., *Mur.*, 63). Tradução baseada na edição de MacDonald (1974).

³⁰ Cícero declara, em muitos prefácios e diálogos, sua intenção de promover uma formação filosófica que equilibrasse o desenvolvimento dos dotes intelectuais, a excelência moral e a expertise política. Especialmente a tradição da Academia

Livro 1 do *De finibus*, Cícero diz ao seu destinatário – e a seus leitores – que apresentará as doutrinas que considera relevantes para os romanos, incluindo o epicurismo.

Um dos maiores ataques de Cícero ao epicurismo ocorre no discurso *In Pisonem*, de 55, contra L. Calpúrnio Pisão Cesonino, sogro de César e patrono de Filodemo. Cícero apresenta Pisão como um político corrupto e enfatiza seus laços com o epicurismo.³¹ Neste discurso de acusação, e ao contrário do que ocorre no *Pro Murena*, abundam os termos *philosophia* e *philosophus*. Dois anos antes, no *Post reditum in Senatu*, Cícero já tinha derrisoriamente apresentado Pisão tentando filosofar ao modo grego, mas é no *In Pisonem* que ocorre o maior número de termos derivados do grego. A ideia geral é que o epicurista Pisão peca por não compreender bem a doutrina de Epicuro, pois fora cativado por uma simples palavra: prazer. E o amor ao prazer levou Pisão a um nível de corrupção tal que ele é chamado de *belua*, uma besta selvagem, algo inadmissível para um romano, especialmente um *consularis*. Neste discurso, portanto, Cícero apresenta a educação filosófica de Pisão sob uma luz negativa e, certamente, sua audiência tinha pelo menos alguma noção do papel do prazer como fim último da boa-vida no pensamento epicurista.

No discurso, os termos filósofo e epicurista são pejorativos não só para os romanos, mas também para os gregos.³² Cícero (*Pis.*, 20) chama Pisão de “o bárbaro Epicuro” e refere-se ao acusado como “nossa Epicuro” (Cic., *Pis.*, 37). Pisão é um seguidor de Epicuro, mas é um mau seguidor. A invectiva chega ao seu auge com o argumento de que Pisão abraçou o epicurismo de modo ignorante e destrutivo (Cic., *Pis.*, 55). Um entendimento genuíno da filosofia epicurista não interessava a Pisão, que desejava apenas o prazer. Pisão e seu mestre Filodemo, que Cícero jamais nomeia, mas certamente sua audiência estava ciente de que filósofo se tratava, são, ambos, deletérios a Roma e aos romanos.³³ Filodemo é apresentado como um filósofo desavisado que não percebeu que seu pupilo era um degenerado. Cícero começa elogiando o mestre de Pisão como um brilhante escritor e uma boa pessoa, pelo menos quando não estava na companhia de Pisão, e comenta de

tinha o potencial de prover uma sólida base filosófica para seus pares. Ver, por exemplo, Beltrão (2020a).

³¹ Sobre Pisão e Filodemo, ver especialmente Sedley (1989, p. 103-117). Ver também Cícero (Cic., *Epistulae ad familiares*, 12, 2, 1). O próprio Filodemo (Phld., *Mort.*, 35, 11-15) menciona sua ligação com Pisão, leal a César, no contexto da guerra civil entre Otaviano e M. Antônio. Uma visão geral da obra de Filodemo pode ser vista em Gigante (2001, p. 23-50).

³² A crítica de Cícero ao envolvimento equivocado de Pisão com a filosofia continua no *Pro Sestio*. Em uma passagem sarcástica (Cic., *Pro Sestio*, 10), ele diz que um *homo doctus* costuma elogiar certos filósofos – cujos nomes Cícero finge não saber – como autoridades e entusiastas do prazer. O denominativo *philosophi* no discurso distancia o epicurismo do *forum romanum*, e Cícero parece usar este termo para enfatizar que esses pensadores eram estrangeiros. A título de comparação, quando comenta a filosofia e alguns filósofos no *Pro Caelio*, em defesa de M. Célio, Cícero não usa termos derivados do grego, apresentando esses pensadores, e a Célio, positivamente.

³³ Cícero e Filodemo eram da mesma geração. Sobre sua visão ambígua do epicurismo e do próprio Filodemo, ver Lévy (2001), e os comentários de Ferrary (2001a), Ferrary (2001b) e Griffin (2001).

modo sarcástico (Cic., *Pis.*, 68) a visão epicurista do prazer, levantando dúvidas sobre o valor desta doutrina que declara o prazer como a medida de todas as coisas, afirmando que os argumentos epicuristas em prol do prazer podem ser facilmente mal compreendidos e, pior ainda, podem ser perigosos para quem não é muito inteligente, como Pisão. E Cícero (*Pis.*, 69) continua dizendo que Pisão ficou muito feliz ao encontrar um mestre que declarava que o prazer era o bem supremo. Por isso, o mestre foi um péssimo professor para Pisão por não ter lhe ensinado a virtude, mas estimulado sua luxúria. Em *Pis.*, 70, Filodemo é apresentado como alguém seduzido por Pisão, ou talvez tivesse medo de Pisão, pois não corrigiu sua visão equivocada do epicurismo. Mas, ainda que Cícero demonstre alguma simpatia por Filodemo ter um péssimo e incontrolável pupilo, não o isenta de culpa pela corrupção desenfreada de Pisão, argumentando que, de fato, ele não era um bom filósofo, pois também não entendeu a doutrina de Epicuro, que desprezava a poesia como frivolidade, já que estava mais interessado na poesia que na filosofia.³⁴ Assim, não só Pisão era um mau epicurista, como Filodemo era um mau filósofo.

Nesses discursos, o objetivo de Cícero era persuadir suas audiências – especialmente os juízes dos casos – e ser bem-sucedido, garantindo respectivamente a absolvição de Murena e a condenação de Pisão. Para atingir seus fins, Cícero tinha de levar em conta – e usar da melhor maneira possível – os lugares-comuns, os preconceitos e as crenças das suas audiências. Esses discursos podem nos revelar uma desconfiança em relação à filosofia como sendo, na melhor das hipóteses, a quintessência da inutilidade e, na pior, deletéria – o que, rigorosamente falando, ainda pode ser detectado hoje. Desse modo, ter em mente exclusivamente essas invectivas de Cícero sem considerar seu contexto forense pode gerar mal-entendidos. Contudo, nesses discursos, se ele destaca os perigos de uma educação filosófica mal conduzida, também toca nos benefícios da filosofia para os romanos.

Observar as cartas de Cícero é fundamental para a compreensão da promoção da filosofia como base para a ação do nobre romano, entre outras coisas, aperfeiçoando o caráter, fundamentando a ação política pelos *studia*, e servindo como uma terapêutica para momentos e situações difíceis, decerto, mas há muito mais que isso. A filosofia e a ciência faziam parte da vida intelectual, do vocabulário e da *forma mentis* do grupo social ao qual Cícero pertencia.³⁵ Mas é em seus diálogos que Cícero desenvolve sua proposta filosófica, propugnando o método neoacadêmico que, se considera a verdade intangível,

³⁴ Filodemo inovou o pensamento epicurista no que tange à estética, especialmente na poesia e na música, pouco apreciadas por Epicuro e epicuristas anteriores. Ver, por exemplo, Tsouna (2001) sobre a contribuição da ética de Filodemo para a visão de Cícero sobre a vida feliz. Ver também Janko (2001) e Delattre (2001).

³⁵ Sobre a rica e volumosa correspondência de Cícero ver Hall (2009), White (2010), Morello (2013) e, especialmente, Aubert-Baillot (2021). Sobre a popularidade da ciência e a filosofia em Roma ver Lehoux (2012).

enfatiza o escrutínio das diversas opiniões sob as lentes rigorosas da argumentação, mas também permite que se aceite, ao menos provisoriamente, alguma teoria positiva.³⁶

Os diálogos de Cícero geralmente têm como cenário uma *villa* luxuosa, na qual um anfitrião – que pode não ser o protagonista – recebe seus visitantes, personagens também destacadas na cena política romana, envolvidas de um modo ou de outro na gestão da *res publica*. Diálogos filosóficos exigem que o autor acrescente a dimensão dramática ao texto, e não apenas argumentos filosóficos coerentes. As personagens ciceronianas não são fictícias; são pessoas destacadas e bem-conhecidas por seus leitores, e a Roma de Cícero era uma sociedade na qual os livros eram produzidos e copiados a mão. Ter uma biblioteca e a própria produção de livros demandavam grandes recursos financeiros, e a disseminação dos livros era um processo eminentemente pessoal, além de o processo de revisão desses textos ser caracterizado por uma intensa atividade social.³⁷ Essas figuras, pessoas reais, eram bibliófilos, muitos eram leitores vorazes, como Catão, e mantinham bibliotecários e *scriptoria* de copistas em suas residências; promoviam, hospedavam ou financiavam, de diversos modos, filósofos; muitos eram escritores, como Bruto e Ático, e a alguns temos acesso por meio da tradição manuscrita, como Varrão e César.

Contudo, tanto o excesso de austeridade e a rigidez que tornavam o estoicismo uma doutrina indesejável, como a *ataraxia* epicurista e sua doutrina do prazer como fim último, não eram adequadas aos romanos. Cícero argumenta que, se alguns romanos, como Catão, no *Pro Murena*, e Pisão, no *In Pisonem*, adotaram doutrinas filosóficas de modo prejudicial, outros se engajaram com o pensamento grego de um modo mais produtivo e benéfico para Roma, como ele mesmo. De fato, anos mais tarde, no *De officiis*, ao discutir a teoria das quatro *personae* que definem as ações de cada indivíduo em cada contexto ou situação particular, Cícero (Cic., Off., 1, 107-112) afirma que o suicídio após a derrota em Tapsos foi apropriado a Catão, exclusivamente, e tal ato extremo não era adequado aos seus companheiros, que aceitaram a clemência de César. O suicídio como resposta à adversidade é a atitude mais apropriada a um estoico inflexível como Catão, mas não é uma regra geral.

³⁶ De acordo com o método acadêmico, na linha de Carnéades, Clitônaco e Filo de Larissa, a tarefa do filósofo é descobrir, após o escrutínio rigoroso de todas as opiniões, o que é mais plausível ou mais semelhante à verdade. Sobre o *probabile* de Cícero, inspirado em, mas que não se confunde com, o *pithanon* de Carnéades, pois, além da persuasão, baseia-se na prova, testagem e aprovação, ver os recentes Reinhardt (2022), Woolf (2022), Skvirsky (2019), Auvray-Assayas (2006) e Gorman (2005). Nos *Academica* (1, 30), Cícero afirma que, se não é possível estabelecer uma base segura para o *iudicium veritatis*, ou, por assim dizer, um critério de verdade, é possível buscar um “critério de verossimilhança” para o juízo. Ver, por exemplo, Beltrão (2020b).

³⁷ Ver, especialmente, Gurd (2012, p. 49-76). Sobre as dedicatórias de Cícero, ver Stroup (2010, p. 93-96), que se revelam como um meio eficaz para o estabelecimento ou a manutenção das relações interpessoais. Ver também o caso das cópias não autorizadas do *De finibus*, desviadas do *scriptorium* de Ático, em Beltrão (2024).

Com seus diálogos, Cícero pretendia que o leitor compreendesse as disputas filosóficas, comparando argumentos opostos, e desenvolvesse a reflexão e o senso crítico para formar um julgamento.³⁸ Destacadamente, a forma dialógica recria a experiência do debate de ideias, incentivando o leitor a chegar às suas próprias conclusões. E os métodos acadêmicos seguidos por Cícero, notadamente as *disputationes in contrariam partem* e *in utramque partem*, limitam as pressuposições ao, simultaneamente, valorizar os argumentos em disputa e refutá-los. Desse modo, chega-se a uma posição não-dogmática, que preza o debate e o diálogo.³⁹ Cícero também valorizava a argumentação rigorosa e o arranjo retórico do discurso, explorando ao máximo o potencial da linguagem verbal, o que desafia os estudiosos modernos e, muitas vezes, dificulta a compreensão por sua complexidade. E é no prefácio do *De natura deorum* que encontramos a mais explícita defesa do método acadêmico escrita por Cícero:

Em filosofia, esse modo de dissertar contra tudo e de não julgar nada certo foi estabelecido por Sócrates, revivido por Arcesilaus e confirmado por Carnéades, e prosperou até nossa época, mas sei que está muito próximo da orfandade na própria Grécia. Mas não imputo isso a alguma falha da Academia e, sim, à indolência dos homens. Pois se é grande conhecer cada uma das disciplinas, muito maior é conhecer todas; fazer isso é necessário para descobrir a verdade e disputar pró e contra todos os filósofos. Não afirmo que eu tenha atingido o domínio dessa tão difícil e nobre faculdade, mas considero tê-la seguido diligentemente, e não é possível que aqueles que filosofaram desse modo não tenham conseguido nada do que buscaram. Eu falei sobre isso mais acurada e completamente em outro lugar, mas como alguns são mais indóceis e lentos, devem ser advertidos com mais frequência. Não somos daqueles que acreditam que nada há que seja verdadeiro, mas daqueles que dizem que há algumas falsidades tão misturadas com as verdades, tão semelhantes às verdades, que não há indícios seguros para julgar e assentir. Disso se segue que muitas coisas são prováveis, ainda que não evidentes, e parecem tão distintas e ilustres que o sábio pode regrar sua vida por elas (*Nat. D.*, 1, 11-12).⁴⁰

³⁸ Ver Brittain e Osorio (2022) sobre a metodologia de Cícero, especialmente na *philosophica*, ou seja, as obras teóricas datadas entre 46 e 44.

³⁹ Uma visão geral da Academia na época de Cícero pode ser vista em Brittain (2007) e, especialmente, Capello (2019).

⁴⁰ *Vt haec in philosophia ratio contra omnia disserendi nullamque rem aperte iudicandi profecta a Socrate repetita ab Arcesila confirma a Carneade usque ad nostram uiguit aetatem; quam nunc prope modum orbam esse in ipsa Graecia intellego. quod non Academiae uitio sed tarditate hominum arbitror contigisse. nam si singulas disciplinas percipere magnum est, quanto maius omnis; quod facere is necesse est quibus propositum est veri reperiendi causa et contra omnes philosophos et pro omnibus dicere. Cuius rei tantae tamque difficilis facultatem consecutum esse me non profiteor, secutum esse pae me fero. Nec tamen fieri potest ut qui hac ratione philosophentur hi nihil habeant quod sequantur. Dictum est omnino de hac re alio loco diligentius, sed quia nimis indociles quidam tardique sunt admonendi uidentur saepius. Non enim sumus ii quibus nihil uerum esse uideatur, sed ii qui omnibus ueris falsa quaedam adiuncta esse dicamus tanta similitudine ut in iis nulla insit certa iudicandi et adsentiendi nota. Ex quo exsistit et illud, multa esse probabilia quae, quamquam non perciperentur, tamen, quia uisum quendam haberent insignem et inlustrem, his sapientis uita regeretur*

Cícero declara Sócrates como fundador do método acadêmico e remete o leitor às teses distintas de Arcesilaus e Carnéades sobre a suspensão do julgamento.⁴¹ A menção aos *Academica* lhe permite ponderar que ele tenta aplicar o método com rigor, distinguir o que é nitidamente falso e não aceitar como verdade qualquer reivindicação, e seguir o que lhe parece *probabile*. Visa-se ao entendimento de cada doutrina em seus próprios termos, mas também a detecção das suas inconsistências, mesmo das teses que podem ser temporariamente endossadas como *probabilia*, o que exige dedicação ao estudo e um grande esforço intelectual, já que é muito mais simples e fácil seguir um mestre ou uma doutrina dogmática. Este é um convite para seu leitor receber o diálogo que se segue com a mente aberta, sem preconcepções, observando criticamente as disputas representadas para chegar a julgamentos fundamentados não na autoridade de um mestre, não em preceitos doutrinários, mas na razão. E, se não chegar a uma conclusão provável, deve-se suspender o julgamento e viver sem falsas crenças.

Conclusão

Cícero defendeu a Nova Academia e seus métodos como um elemento valioso na educação de seus pares.⁴² Vivendo em estreito contato com destacados filósofos de seu tempo, ele não reivindicou o título de filósofo para si mesmo, mas sua obra foi inovadora e influente em diversos sentidos, promovendo a filosofia como algo factível e benéfico para outros povos que não os gregos. Combinando sua formação de alto nível, seus dotes intelectuais e sua prática política, ele confrontou as escolas filosóficas de seu tempo com extrema competência.

Em sua obra, se Cícero reconhecia o valor do estoicismo em questões morais e religiosas, também considerava a excessiva austeridade de seus seguidores algo incompatível com seu ideal de urbanidade e moderação na vida política e social, como visto no *Pro Murena*. No caso do epicurismo, as coisas eram significativamente mais tensas. Cícero conhecia muito bem a doutrina epicurista, não só por seus estudos com Fedro, mas pela convivência com seus amigos epicuristas, a começar por Ático. Mas, para Cícero, o epicurismo não era adequado aos romanos por ameaçar, especialmente, o engajamento político e a ética romana. Cícero polemiza com o que considerava dogmático e irremediavelmente não-romano nessas doutrinas, e apresenta a Nova

(Cic., *Nat. D.*, 1, 11-12). Tradução baseada nas edições de Auvray-Assayas (2002) e Rackham (1994).

⁴¹ Arcesilaus foi o escolarca da Academia a iniciar o longo debate com Zenão e os estoicos sobre o assentimento (as impressões catalépticas) e a defender a suspensão radical do julgamento, enquanto a posição de Carnéades, *grosso modo*, permite decidir uma questão, após uma investigação rigorosa, pelo que é persuasivo: ver nota 33.

⁴² Cf. *De Or.*, 3, 57; *Luc.*, 8; *Brut.*, 119; *Tusc.*, 2, 5-9; *Fin.*, 5, 10; e, especialmente, *Nat. D.*, 1, 10.

Academia como um remédio contra os quase antissociais estoicos, como o rígido Catão, e os seguidores de Epicuro que primavam pelo hedonismo, como Pisão e, mesmo, o refinado Filodemo.

O neoacadêmico Cícero confere a cidadania romana às doutrinas de Platão e Aristóteles e, especialmente, aos métodos da Nova Academia, que permitem que se chegue não à verdade, simplesmente inalcançável, mas ao *probabile*, por meio do pensamento crítico, e não a autoridade seja de que mestre for. A Nova Academia, para Cícero, oferecia as melhores técnicas retóricas e os instrumentos intelectuais adequados a um romano digno do nome.

Referências

Documentação textual

- CASSIUS DIO. *Roman History*: Books 46-50. Translated by E. Cary. Cambridge: Harvard University Press, 1917. v. V.
- CICERO. *De natura deorum, Academica*. Translated by H. Rackham. Cambridge: Harvard University Press, 1994.
- CICERO. *On moral ends*. Edited by Julia Annas and translated by Raphael Woolf. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- CICERO. *Orations. In Catilinam 1-4. Pro Murena. Pro Sulla. Pro Flacco*. Translated by C. Macdonald. Cambridge: Harvard University Press, 1974.
- CICERO. *Orations. Pro Milone. In Pisonem. Pro Scauro. Pro Fonteio. Pro Rabirio Postumo. Pro Marcello. Pro Ligario. Pro Rege Deiotaro*. Translated by N. H. Watts. Cambridge: Harvard University Press, 1931.
- CICÉRON. *La nature des dieux*. Traduit et commenté par Clara Auvray-Assayas. Paris: Les Belles Lettres, 2002.
- FILODEMO. *Epigrammi scelti: Anthologia Palatina*. Edited by M. Gigante. Napoli: Bibliopolis, 1988.
- MARCO TÚLIO CÍCERO. *Os limites dos bens e dos males*. Traduzido por Bruno Fregni Bassetto. Uberlândia: EDUFU, 2018.
- PHILODÈME DE GADARA. *Sur la mort*: livre IV. Texte établi, traduit et annoté par Daniel Delattre. Paris: Les Belles Lettres, 2022.
- PLUTARCH. *Lives*: Demosthenes and Cicero. Alexander and Caesar. Translated by B. Perrin. Cambridge: Harvard University Press, 1919. v. II.

Obras de apoio

- ADAMS, J. N. *Bilingualism and the Latin Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- AUBERT-BAILLOT, S. *Le grec et la philosophie dans la correspondance de Cicéron*. Turnhout:Brepols, 2021.
- AUVRAY-ASSAYAS, C. *Cicéron*. Paris: Les Belles Lettres, 2006.
- BARAZ, Y. *A written Republic: Cicero's philosophical politics*. Princeton: Princeton University Press, 2012.
- BARNES, J., GRIFFIN, M. (ed.). *Philosophia Togata II: Plato and Aristotle at Rome*. Oxford: Oxford University Press, 1997.
- BELTRÃO, C. 'Species deorum': imagens e conhecimento em Cícero. In: BELTRÃO, C.; SANTANGELO, F. (ed.). *Estátuas na religião romana*. Coimbra: Imprensa Universidade de Coimbra, 2020, p. 81-99.
- BELTRÃO, C. Construindo a filosofia "clássica": Cícero e o Epicurismo, *Archai*, n. 30, p. 1-24, 2020.
- BELTRÃO, C. Mulheres intelectuais em Cícero: o caso de Caerellia. In: BELTRÃO, C.; CUCHET, V. S. (ed.). *De caso a caso: a regra e a exceção*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2024, p. 151-166.
- BISHOP, C. *Cicero, Greek learning, and the making of a Roman Classic*. Oxford: Oxford University Press, 2019.
- BRITTAINE, C. Middle Platonists on Academic Scepticism. In: SHARPLES, R. W.; SORABJI, R. (ed.). *Greek and Roman Philosophy (100 BC – 200 AD)*. London: University of London, 2007, p. 297-315. v. II.
- BRITTAINE, C. *Philo of Larissa: the last of the academic sceptics*. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- BRITTAINE, C., OSORIO, P. The Ciceronian dialogue. In: ATKINS, J. W.; BÉNATOUÏL, T. (ed.). *The Cambridge companion to Cicero's Philosophy*. Cambridge: Cambridge University Press, 2022, p. 25-42.
- CAPELLO, O. *The School of Doubt: Skepticism, History and Politics in Cicero's Academica*. Leiden: Brill, 2019.
- CRAIG, C. P. Cato's stoicism and the understanding of Cicero's speech for Murena. *Transactions of the American Philological Association*, v. 116, p. 229-239, 1986.
- DELATTRE, D. Vers une reconstruction de l'esthétique musicale de Philodème. In: AUVRAY-ASSAYAS, C.; DELATTRE, D. (ed.). *Cicéron et Philodème: la polémique en philosophie*. Paris: Rue d'Ulm, 2001, p. 371-384.

- DIELS, H. *Doxographi Graeci*. Berlin: G. Reimer, 1879.
- DILLON, J. M. *The question of Eclecticism: studies in Late Greek Philosophy*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1988.
- FERRARY, J.-L. Réponse à Carlos Lévy. In: AUVRAY-ASSAYAS, C.; DELATTRE, D. (ed.). *Cicéron et Philodème: la polémique en philosophie*. Paris: Rue d'Ulm, 2001, p. 77-84.
- FERRARY, J.-L. Réponse à Miriam Griffin. In: AUVRAY-ASSAYAS, C.; DELATTRE, D. (ed.). *Cicéron et Philodème: la polémique en philosophie*. Paris: Rue d'Ulm, 2001, p. 101-105.
- GIGANTE, M. Philodème dans l'histoire de la littérature grecque. In: AUVRAY-ASSAYAS, C.; DELATTRE, D. (ed.). *Cicéron et Philodème: la polémique en philosophie*. Paris: Rue d'Ulm, 2001, p. 23-50.
- GILBERT, N. *Among friends: Cicero and the Epicureans*. Toronto: Toronto University Press, 2015.
- GILDENHARD, I. *Paideia romana: Cicero's Tusculan Disputations*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- GORMAN, R. *The Socratic method in the dialogues of Cicero*. Stuttgart: Franz Steiner, 2005.
- GRiffin, M. Piso, Cicero and their Audience. In: In: AUVRAY-ASSAYAS, C.; DELATTRE, D. (ed.). *Cicéron et Philodème: la polémique en philosophie*. Paris: Rue d'Ulm, 2001, p. 85-99.
- GRiffin, M., BARNES, J. (ed.). *Philosophia togata I: essays on Philosophy and Roman society*. Oxford: Oxford University Press, 1989.
- GURD, S. *Work in progress, literary revision as social performance in Ancient Rome*. Oxford: Oxford University Press, 2012.
- HADDAD, A. B. O drama da recepção: Cícero e a Academia. *Phoînix*, v. 28, n. 2, 2022, p. 123-139.
- HALL, J. *Politeness and Politics in Cicero's Letters*. Oxford: Oxford University Press, 2009.
- HATZIMICHALI, M. The texts of Plato and Aristotle in the First Century BC. In: M. SCHOFIELD, M. (ed.). *Aristotle, Plato, and Pythagoreanism in the First Century BC: new directions for Philosophy*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013, p. 1-27.
- HENDERSON, J. From ΦΙΛΟΣΟΦΙΑ to PHILOSOPHIA: Classicism and Ciceronianism. In: PORTER, J. I. (ed.). *Classical Pasts: the Classical tradition of Ancient Greece and Rome*. Princeton: Princeton University Press, 2006, p. 173-203.
- HINE, H. Philosophy and *philosophi*: from Cicero to Apuleius. In: WILLIAMS, G. D.; VOLK, K. (ed.). *Roman reflections: studies in Latin Philosophy*. Oxford: Oxford University Press, 2016, p. 13-29.

- HOUSTON, G. W. *Inside Roman libraries: book collections and their management in Antiquity*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2014.
- HUTCHINSON, G. O. *Greek into Latin: frameworks and contexts for intertextuality*. Oxford: Oxford University Press, 2013.
- JANKO, R. Philodème et l'esthétique de la poésie. In: AUVRAY-ASSAYAS, C.; DELATTRE, D. (ed.). *Cicéron et Philodème: la polémique en philosophie*. Paris: Rue d'Ulm, 2001, p. 283-296.
- KARAMANOLIS, G. E. *Plato and Aristotle in agreement? Platonists on Aristotle from Antiochus to Porphyry*. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- KÖNIG, J., WOOLF, G. (ed.). *Authority and expertise in Ancient scientific culture*. Cambridge: Cambridge University Press, 2017.
- KROSTENKO, B. A. *Cicero, Catullus, and the Language of social performance*. Chicago: Chicago University Press, 2001.
- LEHOUX, D. *What did the Romans know? An inquiry into science and worldmaking*. Chicago: Chicago University Press, 2012.
- LÉVY, C. *Cicero academicus: recherches sur les académiques et sur la philosophie cicéronienne*. Rome: École Française de Rome, 1992.
- LÉVY, C. Cicéron et l'épicurisme: la problématique de l'éloge paradoxal. In: AUVRAY-ASSAYAS, C.; DELATTRE, D. (ed.). *Cicéron et Philodème: la polémique en philosophie*. Paris: Rue d'Ulm, 2001, p. 61-75.
- LONG, A. A.; SEDLEY, D. *The Hellenistic Philosophers I*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- MASO, S. *Cicero's Philosophy*. Berlin: De Gruyter, 2022.
- MASO, S. *Grasp and dissent: Cicero and Epicurean Philosophy*. Turnhout: Brepols, 2015.
- MCCONNELL, S. *Philosophical Life in Cicero's Letters*. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.
- MOATTI, C. *La raison de Rome: naissance de l'esprit critique à la fin de la République (IIe-s. avant J.-C.)*. Paris: Seuil, 1997.
- MOMMSEN, T. *The History of Rome*. London: R. Bentley, 1886.
- MORELLO, R. Writer and Addressee in Cicero's Letters. In: STEEL, C. (ed.). *The Cambridge Companion to Cicero*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013, p. 196-214.
- POWELL, J. G. F. (ed.). *Cicero the Philosopher*. Oxford: Oxford University Press, 1995.
- REINHARDT, T. Cicero's Academic Skepticism. In: ATKINS, J. W.; BÉNATOUÏL, T. (ed.). *The Cambridge companion to Cicero's Philosophy*. Cambridge: Cambridge University Press, 2022, p. 103-119.

- SANT'ANGELO, M. N. E. *De rerum natura: Lucrécio e a religião romana*. Rio de Janeiro: Nau, 2024.
- SCHOFIELD, M. Writing Philosophy. In: STEEL, C. (ed.) *The Cambridge companion to Cicero*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013, p. 73-87.
- SEDLEY, D. N. (ed.), *The Philosophy of Antiochus*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.
- SEDLEY, D. Philosophical Allegiance in the Graeco-Roman World. In: GRIFFIN, M. T.; BARNES, J. (ed.). *Philosophia togata I*. Oxford: Oxford University Press, 1989, p. 97-119.
- SKVIRSKY, A. Doubt and Dogmatism in Cicero's *Academica*. *Archai*, n. 27, p. 1-21, 2019.
- STROUP, S. C. *Catullus, Cicero, and a Society of Patrons*: the generation of the text. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- TARRANT, H. *Scepticism or Platonism? The Philosophy of the fourth academy*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.
- TSOUNA, V. Cicéron et Philodème: quelques considérations sur l'éthique. In: AUVRAY-ASSAYAS, C.; DELATTRE, D. (ed.). *Cicéron et Philodème: la polémique en philosophie*. Paris: Rue d'Ulm, 2001, p. 159-172.
- USENER, H. *Epicurea*. Leipzig: Teubner, 1887.
- VAN DER WALD, R. What a funny consul we have: Cicero's dealing with Cato Uticensis and prominent friends in opposition. In: BOOTH, J. (ed.). *Cicero on the Attack: invective and subversion in the orations and beyond*. Swansea: The Classical Press of Wales, 2007, p. 183-205.
- VOLK, K. *The Roman Republic of Letters: scholarship, philosophy, and politics in the Age of Cicero and Caesar*. Princeton: Princeton University Press, 2021.
- VON ARNIM, H. *Stoicorum Veterum Fragmenta: chrysippi fragmenta logica et physica*. Leipzig: Teubner, 1903. v. II.
- VON ARNIM, H. *Stoicorum Veterum Fragmenta: chrysippi fragmenta moralia*. Leipzig: Teubner, 1903. v. III.
- VON ARNIM, H. *Stoicorum Veterum Fragmenta: quo indices continentur*. Leipzig: Teubner, 1924. v. IV.
- VON ARNIM, H. *Stoicorum Veterum Fragmenta: Zeno et zenonis discipuli*. Leipzig: Teubner, 1905. v. I.
- WHITE, P. *Cicero in Letters: Epistolary Relations of the Late Republic*. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- WOOLF, R. *Cicero: the Philosophy of a Roman Sceptic*. London: Routledge, 2015.

WOOLF, R. Cicero's Academy Award. In: DIAZ, C.; SCHUBERT, C. (ed.). *Zwischen Skepsis und Staatskult: neue perspektiven auf Ciceros 'De natura deorum'*. Stuttgart: Franz Steiner, 2022, p. 129-146.

ZETZEL, J. E. Philosophy is in the streets. In: WILLIAMS, G. D.; VOLK, K. (ed.). *Roman reflections: studies in Latin Philosophy*. Oxford: Oxford University Press, 2016, p. 50-82.